

Lima, CBP, Alves, PTA, Jucá, SCS & Silva, SA. (2020). Teaching with images: visual communication as a teaching-learning tool in the Philosophy textbook adopted in IFCE's integrated courses. *Research, Society and Development*, 9(7): 1-20, e700974518.

**Ensinando com imagens: a comunicação visual como ferramenta de ensino-
aprendizagem no livro didático de Filosofia adotado nos cursos integrados do IFCE**
**Teaching with images: visual communication as a teaching-learning tool in the
Philosophy textbook adopted in IFCE's integrated courses**
**Enseñanza con imágenes: la comunicación visual como herramienta de enseñanza-
aprendizaje en el libro de texto de Filosofía adoptado en los cursos integrados de IFCE**

Recebido: 14/05/2020 | Revisado: 19/05/2020 | Aceito: 23/05/2020 | Publicado: 07/06/2020

Christiano Barbosa Porto Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9957-3682>

Instituto Federal do Ceará, Brasil

E-mail: christiano.barbosa@ifce.edu.br

Paula Trajano de Araújo Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8762-4884>

Instituto Federal do Ceará, Brasil

E-mail: paula.trajano15@gmail.com

Sandro César Silveira Jucá

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8085-7543>

Instituto Federal do Ceará, Brasil

E-mail: sandrojuca@ifce.edu.br

Solonildo Almeida da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5932-1106>

Instituto Federal do Ceará, Brasil

E-mail: Solonildo@ifce.edu.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo somar-se às investigações acerca do livro didático e investigar as funções e a eficácia que a comunicação visual exerce na publicação adotada pela disciplina de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus de Fortaleza – nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. A partir desse esforço, que contará com ferramentas de análise visual como a Semiótica (Santaella, 2002) e a Gestalt

(Gomes Filho, 2000), pretende-se avaliar como fotos, ilustrações, charges, obras de arte, quadrinhos e outros elementos visuais, promovem a reflexão filosófica libertadora que permitem ao discente romper com a educação estritamente tecnicista a que as classes trabalhadoras vêm sendo submetidas historicamente e que os oriente no sentido da categoria de formação propugnada pelos autores que versam sobre educação profissional e tecnológica, qual seja, o da formação integral ou omnilateral. Assim, pode-se oferecer contribuições que permitam avaliar as formas como a imagem tem sido utilizada no contexto da prática de ensino-aprendizagem, de maneira que se possa extrair o máximo dos recursos imagéticos e alertar professores, coordenadores pedagógicos, editores, designers gráficos, ilustradores, artistas e todos aqueles envolvidos na produção e utilização do material didático, sobre a importância de um repertório visual crítico e vasto no processo de desvelar o mundo para além do que as palavras podem descrever.

Palavras-chave: Análise visual; Publicação Didática; Educação Politécnica; Educação Omnilateral.

Abstract

This article aims to add to the investigations about the textbook and investigate the functions and effectiveness that visual communication exercises in the publication adopted by the Philosophy discipline of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Ceará - Campus de Fortaleza - in technical courses integrated to high school. Based on this effort, which will use visual analysis tools such as Semiotics and Gestalt, we intend to evaluate how photos, illustrations, cartoons, works of art, comics, among other visual elements, promote the liberating philosophical reflection that allows the student break with the strictly technical education to which the working classes have historically been subjected and guide them towards the category of training advocated by the authors dealing with professional and technological education, that is, integral or omnilateral training. Thus, it is possible to offer contributions that make it possible to evaluate the ways in which the image has been used in the context of teaching-learning practice so that it can extract the maximum of the imagery resources and reinforce among teachers, pedagogical coordinators, editors, graphic designers, illustrators, artists and all those involved in the production and use of didactic material on the importance of a critical and vast visual repertoire in the process of unveiling the world beyond what words can describe.

Keywords: Visual analysis; Didactic Publication; Polytechnic Education; Omnilateral Education.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo agregar a las investigaciones sobre el libro de texto e investigar las funciones y la efectividad que ejerce la comunicación visual en la publicación adoptada por la disciplina de Filosofía del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Ceará - Campus de Fortaleza - en cursos técnicos integrados a bachillerato. En base a este esfuerzo, que incluirá herramientas de análisis visual como Semiótica (Santaella, 2002) y Gestalt (Gomes Filho, 2000), está destinado a evaluar fotos, ilustraciones, dibujos animados, obras de arte, cómics y otros elementos visuales promueven la reflexión filosófica liberadora que permite al estudiante romper con la educación estrictamente técnica a la que las clases trabajadoras han sido sometidas históricamente y orientarlas hacia la categoría de capacitación defendida por los autores que se ocupan de la educación profesional y tecnológica, es decir, el entrenamiento integral u omnilateral. Por lo tanto, es posible ofrecer contribuciones que permitan evaluar las formas en que la imagen se ha utilizado en el contexto de la práctica de enseñanza-aprendizaje, con el fin de extraer el máximo de los recursos de imágenes y reforzarlo entre maestros, coordinadores pedagógicos, editores, diseñadores gráficos, ilustradores, artistas y todos aquellos involucrados en la producción y uso de material didáctico sobre la importancia de un repertorio visual crítico y vasto en el proceso de desvelar el mundo más allá de lo que las palabras pueden describir.

Palabras clave: Análisis visual; Publicación Didáctica; Educación Politécnica; Educación Omnilateral.

1. Introdução

As imagens no livro didático de Filosofia contribuem para a formação completa, integral ou omnilateral, que idealmente deve nortear o ensino médio integrado ao ensino técnico do IFCE campus de Fortaleza? O presente estudo fará um percurso que colocará em perspectiva os princípios da comunicação visual (Munari, 1997), da imagem no livro didático (Lajolo, 1996), do livro didático (Santana, Rodrigues e Junior, 2017) e da educação omnilateral (Ciavatta, 2014), para que esse movimento interdisciplinar possa se articular de tal forma que seja possível lançar luzes sobre a questão posta e contribuir para investigações correlatas e para o aprofundamento do tema.

Em uma sociedade em que o tecnicismo tem sido defendido como a forma de educação mais adequada às classes trabalhadoras e em que o conhecimento crítico – problematizador e emancipador – tem sido reservado prioritariamente às classes dominantes,

a concentração de conhecimento opera como um mecanismo de concentração de riqueza. Esse fato pode ser observado ao longo da história do ensino brasileiro, mas sua exacerbação relacionada a regimes antidemocráticos torna forçoso o estudo e validação de mecanismos que permitam superar essa condição e apontem na direção em que a divisão da educação e sua consequente divisão entre trabalho manual para as classes populares e trabalho intelectual para as classes dominantes sejam superadas.

O presente estudo volta-se para a análise da comunicação visual estabelecida através das imagens no livro didático ao se vislumbrar que as manifestações imagéticas promovem um nível de reflexão que transcende as palavras e, por isso mesmo, se prestam ao ensino de Filosofia, disciplina que promove o pensamento crítico. Essa matéria, por sua vez, estabelece a criticidade necessária para romper com o caráter estritamente tecnicista que o ensino reservado às classes trabalhadoras vem assumindo ao longo do tempo e aponta no sentido da educação integral, politécnica ou omnilateral, que conjuga o fazer e o pensar. Essas duas dimensões podem ser encontradas neste estudo no chamado ensino técnico integrado ao ensino médio, encontrado no IFCE campus de Fortaleza.

Desde que o conhecimento passou a ser registrado e sistematizado por meio da escrita, o livro exerce um papel fundamental nas diversas atividades humanas, sejam relacionadas à literatura, à arte, à filosofia, às ciências, à educação etc. Já o livro didático, objeto deste estudo, é uma ferramenta fundamental no processo de ensino-aprendizagem, sendo, no mais das vezes, indispensável para a compreensão de temas, matérias e conceitos abordados nos diversos níveis de ensino. De acordo com Lajolo (1996, p. 04) “Didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática.”

Este artigo apresenta um estudo de caso em que um dos objetivos é avaliar a função e a eficácia de elementos visuais que compõem o projeto gráfico de uma publicação didática empregada no ensino médio integrado ao ensino profissional do IFCE, mais precisamente na disciplina de Filosofia, tendo em vista a compreensão dos níveis de apreensão de conteúdos que estes recursos permitem atingir. Nesse sentido, serão postos em perspectiva os fundamentos do livro didático e da comunicação visual, para que, através da utilização de ferramentas de análise visual, um processo dialético entre as duas áreas possa gerar uma síntese que permita avaliar, ainda que superficialmente, em que medida os recursos visuais promovem uma formação mais efetiva, reflexiva e completa, fazendo com que o livro se converta em um suporte que promova a formação omnilateral, na qual o discente desenvolve uma dimensão crítica que lhe possibilitará uma futura atuação profissional fundamentada na

práxis.

Em última instância persegue-se, através do que está aqui posto em investigação, sondar em que profundidade fotos, ilustrações, gráficos, obras de arte, quadrinhos, entre outros elementos visuais, promovem a reflexão filosófica libertadora, capaz de fornecer ao discente um posicionamento questionador diante do seu futuro profissional e do mundo, remetendo assim à uma educação integral nos moldes do materialismo histórico-dialético.

A importância desse movimento analítico decorre da natureza de uma instituição de ensino tecnológico — termo aqui compreendido no seu sentido mais amplo, remetendo à formação omnilateral. Sabe-se que idealmente esse tipo de ensino deve aderir ao princípio da escola unitária de moldes gramscianos¹, cuja principal característica é a formação técnica aliada à formação crítica. Assim, a miríade de recursos visuais utilizados na composição do livro didático, notadamente no de Filosofia, para que esteja em consonância com os fundamentos da educação de matriz marxiana², deve promover a reflexão e o posicionamento crítico. Verificar a efetividade pedagógica das imagens no livro analisado será o cerne da investigação que aqui se propõe.

2. Metodologia

Para a realização deste artigo serão empreendidas pesquisas bibliográficas e documentais, tendo em vista que se pretende lançar luzes sobre os elementos visuais que contribuem para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem no livro didático. Buscar-se-á fundamentação teórica relacionada aos conceitos fundamentais do livro didático, da comunicação visual e da educação omnilateral, esta entendida como o tipo de ensino socialista “que pretendia ser omnilateral no sentido de formar o ser humano na sua integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica” (Ciavatta, 2014. p. 190) de forma que possam estabelecer a base necessária para a análise do nosso objeto de estudo,

¹ Antonio Gramsci foi um pensador italiano falecido em Roma no ano de 1937 que defendeu a escola unitária, um tipo de formação humanista que contribui para o desenvolvimento intelectual e prático dos indivíduos e se presta ao entendimento da totalidade social, tendo como base o trabalho como princípio educativo (MOURA, 2013).

² A educação de matriz marxiana diz respeito ao tipo de ensino relacionado aos postulados do filósofo Karl Marx, cujos pressupostos dizem respeito a “A constituição humana por meio da sua intervenção junto à natureza e o estabelecimento das relações sociais são processos educativos que se repetem, tanto na história do homem, quanto no desenvolvimento individual, recolocando, nos processos educativos, a construção do homem como ser social e construindo o longo caminho de distanciamento de sua condição animal (BORGES, 2017).

qual seja, o livro didático “Diálogo: primeiros estudos em Filosofia” da Editora Moderna (Figura 1). A publicação é adotada no ensino médio integrado ao ensino técnico do IFCE Campus de Fortaleza.

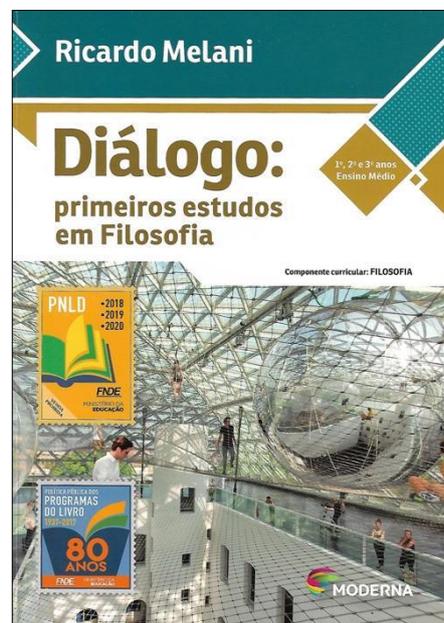
Percebe-se ao folhear a publicação que ela é fartamente ilustrada, o que já caracteriza um indício do elevado potencial comunicativo que as imagens possuem. Em seu interior podemos observar fotografias, ilustrações, reproduções de obras de arte, quadrinhos, charges, cartuns, caricaturas, mapas, fluxogramas, organogramas. Serão analisadas, para fins deste artigo, uma fotografia, uma reprodução de obra de arte, uma história em quadrinhos e uma charge, categorias de imagens que abarcam amplo espectro de significantes, de forma que se torna possível o aprofundamento analítico e uma compreensão suficientemente abrangente do fenômeno que se apresenta nas páginas do livro.

Os esforços de análise do material didático de Filosofia adotado no ensino integrado do IFCE farão uso de ferramentas como a semiótica – teoria geral dos signos e da semiose, que estuda todos os fenômenos que se apresentam à consciência como se fossem sistemas de significação, ou seja, estuda as representações da realidade em nossas mentes – sendo um meio valioso para a compreensão de como as pessoas interpretam mensagens, se relacionam com objetos, pensam, se emocionam etc. Além disso, os postulados da escola de psicologia *Gestalt* (Gomes Filho, 2000), que tem atuação no campo da teoria da forma e da percepção é muito relevante para avaliar a gama interpretativa dos diversos signos utilizados e de que maneira se efetivam como sistemas de ensino. Dessa forma, a partir de um esforço interpretativo dos diversos recursos visuais, a pesquisa assumirá um movimento oposto de síntese e de interpretação das informações, para chegar às conclusões que possam emergir. A partir dessas conclusões tornar-se-á possível verificar como elas se prestam à educação omnilateral dos discentes, comparando-as aos principais postulados da categoria educacional.

3. Referencial teórico

Sabe-se que o livro didático é parte fundamental no processo de ensino-aprendizagem,

Figura 1 - Capa do Livro de Filosofia.



Fonte: Livro Diálogo: primeiros estudos em Filosofia

figurando como uma das ferramentas mais utilizadas para sua efetivação. A forma como o conteúdo é apresentado indica qual o caminho que o docente deve seguir no decurso das disciplinas ministradas, de tal forma que os professores utilizam largamente esse recurso nas rotinas da sala de aula, explorando todos os seus recursos explicativos. Ainda é oportuno ressaltar, de acordo com Monteiro, Jucá e Silva (2018, p. 09) que “Não podemos pensar que por existir órgãos responsáveis pela seleção/avaliação dos livros didáticos eles são materiais inquestionáveis que não precisam de correção.” Por isso é válido que essas publicações sejam postas sob investigações as mais diversas, com diferentes finalidades – como a que aqui se apresenta – e sob o prisma das mais diversas disciplinas, como as que serão apresentadas para fins deste estudo. Ainda que as obras aprovadas pelo PNDL passem por criteriosa avaliação de especialistas, novos olhares podem contribuir para o constante aprimoramento dos livros didáticos.

O livro didático deve tornar possível a apreensão do conhecimento, de forma a sedimentar, ampliar e aprofundar os conteúdos expostos, promovendo assim o desenvolvimento e a habilidade dos estudantes, com conseqüente aquisição de autonomia do aluno na busca pelo conhecimento. Depreende-se disso que o livro didático se mostra determinante na organização curricular e na prática pedagógica, ajudando nas diversas atividades, desde o planejamento das aulas, passando pela transmissão do conteúdo propriamente dito, até a execução de atividades que propiciem a fixação dos conteúdos pelos alunos. Ressalte-se, contudo, que o objeto deste artigo, ainda que fundamental, não substitui a prática docente em sala de aula, mas apenas serve como ferramenta complementar para as diversas atividades de ensino. À guisa de uma conceituação mais precisa, Lajolo (1996, p. 04) considera que

[...] para ser considerado didático, um livro precisa ser usado, de forma sistemática, no ensino-aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento humano, geralmente já consolidado como disciplina escolar. Além disso, o livro didático caracteriza-se ainda por ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado por um professor. (Lajolo, 1996, p.4).

Sendo assim, o autor destaca através dessa citação um critério fundamental que caracteriza um livro como didático: ser utilizado de forma sistemática para o ensino de algum conhecimento, sendo esse ensino guiado por um professor e orientado de forma coletiva. Dada a definição de livro didático, convém destacar também, para fundamentação deste artigo, as características adotadas no Programa Nacional do Livro e do Material Didático

(PNLD), a fim de fornecer parâmetros de qualidade validados por autoridades na área de ensino nas publicações escolares. De acordo com o Decreto Nº 9.099, de 18 de julho de 2017 que dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático, no Art. 1º:

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD, executado no âmbito do Ministério da Educação, será destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e às instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público.

No mesmo decreto o Art. 10º dispõe sobre a avaliação dos materiais didáticos:

A avaliação pedagógica dos materiais didáticos no âmbito do PNLD será coordenada pelo Ministério da Educação com base nos seguintes critérios, quando aplicáveis, sem prejuízo de outros que venham a ser previstos em edital:

- I - o respeito à legislação, às diretrizes e às normas gerais da educação;
- II - a observância aos princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano
- III - a coerência e a adequação da abordagem teórico-metodológica;
- IV - a correção e a atualização de conceitos, informações e procedimentos;
- V - a adequação e a pertinência das orientações prestadas ao professor;
- VI - a observância às regras ortográficas e gramaticais da língua na qual a obra tenha sido escrita;
- VII - a adequação da estrutura editorial e do projeto gráfico; e
- VIII - a qualidade do texto e a adequação temática.

Como se pode perceber, através do inciso VII citado acima, o projeto gráfico é um dos fatores levados em conta na avaliação do material didático utilizado no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), o que denota o caráter de essencialidade que *design* tem nos materiais didáticos. O Glossário de termos e verbetes utilizados em *Design Gráfico* da Associação dos *Designers* Gráficos (2002) define *design* gráfico como:

[...] termo utilizado para definir, genericamente, a atividade de planejamento e projetos relativos a linguagem visual. Atividade que lida com a articulação do texto e imagem, podendo ser desenvolvida sobre os mais variados suportes e situações. Compreende noções de projeto gráfico, identidade visual, projeto de sinalização, design editorial, entre outros. Também pode ser empregado como substantivo, definindo assim um projeto em si. (ADG, 2002 p. 36).

Pode-se afirmar, então, que o livro didático consiste em um conjunto informações textuais e imagéticas organizadas através de técnicas de design gráfico para permitir e facilitar

ao discente a apreensão de conteúdos da forma mais efetiva. A prática se encontra dentro do amplo campo da comunicação visual. Ainda sobre isso, Munari (1997, p.8) conceitua a comunicação visual como um

[...] tema muito vasto, que vai desde o desenho até a fotografia, as artes plásticas, o cinema; desde as formas abstratas até as reais, de imagens estáticas a imagens em movimento, de imagens simples a imagens complexas, desde problemas de percepção visual que concerne ao lado psicológico do tema, como relações entre figura e fundo, mimetismo, moiré, ilusões óticas, movimento aparente, imagens e ambiente, permanência retiniana e imagens póstumas. Tema que compreende todas as imagens gráficas, todas as expressões gráficas, desde a forma dos caracteres até a paginação de um cotidiano, desde o limite da legibilidade das palavras a todos os meios que facilitam a leitura de um texto. (Munari 1997, p.8).

Sendo assim, o autor citado acima destaca a amplitude do conceito de comunicação visual apresentando a vastidão desse tema que compreende, por exemplo, desde a fotografia até as relações constituídas entre a imagem e espaço em que ela se encontra, passando também pelas percepções psicológicas envolvidas na comunicação.

A comunicação visual remonta aos primeiros sistemas idealizados por civilizações ancestrais para registrar e passar conhecimentos. Na antiguidade, civilizações como a suméria, egípcia, chinesa, fenícia, hebraica, grega e romana, representaram a forma embrionária da comunicação visual tal como conhecemos na contemporaneidade. A Idade Média foi o período em que se deu a maior proliferação de símbolos gráficos como escudos, monogramas, iluminuras de livros, entre outros, com características mais próximas ao que vemos na maior parte das publicações e que virão a se tornar um sistema complexo de imagens tal como conhecemos nos dias de hoje. Com o advento da imprensa idealizada por Gutemberg, no século XV, a disseminação desses sistemas de comunicação visual alcançou um vetor exponencial relevante.

Dessa forma, a partir do século XVIII a indústria gráfica acompanhou o crescimento vertiginoso do capitalismo, sendo uma parte indissociável dele. Adicionalmente, no século XIX, a fotografia trouxe uma nova dimensão à comunicação visual, já que possibilitava um registro real de fatos e coisas de uma forma que não era possível antes. Note-se que o recurso representou grande avanço da expansão do comércio à distância, do conhecimento ou qualquer atividade que pudesse se beneficiar com a riqueza de detalhes de uma imagem fotográfica. Assim, as técnicas gráficas foram se tornando gradativamente mais sofisticadas e atingiram sua expressão máxima com a chegada da informática e dos softwares gráficos, que possibilitaram a produção de diversos materiais impressos e digitais com qualidade e

velocidades jamais vistas antes.

A partir do refinamento das técnicas de reprodução gráfica e do seu consequente barateamento, os materiais didáticos passaram a incluir com cada vez maior frequência recursos visuais. A qualidade da impressão possibilita a reprodução de uma miríade de categorias visuais que complementam os textos em uma relação de sinergia que em muitos momentos extrapola o aspecto meramente denotativo da imagem e assume um viés conotativo mais próprio dos momentos de reflexão. De acordo com Santana, Rodrigues & Junior (2017, p.05) as imagens no livro didático, elementos tão importantes quanto o texto:

[...] são geralmente usadas para acompanhar e complementar o texto ou apenas como ilustração decorativa. Elas também podem aparecer sem vínculos diretos com o texto, transmitindo através da linguagem visual informações adicionais a respeito do assunto tratado no texto ou na publicação de modo geral. (Santana, Rodrigues & Junior, 2017, p.05).

A citação acima aponta para a fundamentação teórica acerca dos objetos analisados neste estudo, quais sejam, as imagens que ilustram o livro didático. Para que tal análise ocorra, contudo, faz-se necessário o uso de ferramentas que se prestem a esse intento, entre elas a anteriormente citada semiótica. Para que se possa proceder uma análise semiótica, Peirce (1958), considera que se deve “abrir as portas do espírito e olhar para os fenômenos”. Santaella (2002 p. 86), para fins de decodificação dos fenômenos que se apresentam à nossa percepção, recomenda que devemos embarcar na experiência fenomenológica, imergir no signo – aqui compreendido como sistema de significação – e se diluir em seu interior. De acordo a autora, são três as fases dessa experiência:

- Disponibilidade contemplativa, deixar aberto os poros do olhar; com singeleza e candidez, impregnar-se das cores, linhas, superfícies, formas, luzes, complementaridades e contrastes, demorar-se quanto possível sob o domínio do puro sensível.
- Observar atentamente a situação comunicativa em que a pintura nos coloca; a experiência de estar aqui e agora diante de algo que representa sua singularidade, um existente com todos os traços que lhes são particulares.
- Generalizar o particular em função da classe a que ele pertence. Neste nível, não se trata mais apenas de qualidades apreendidas, nem de singularidades percebidas, mas do enquadramento do particular em classes gerais. (Santaella, 2002 p. 86).

Adicionalmente, a teoria perceptiva da forma, conhecida como Gestalt, cujos fundamentos são os estudos e pesquisas realizadas pela Escola Gestalt de psicologia da forma, se prestará às análises através de seu processo fundamental que consiste, de forma bastante

resumida, em dar forma, em configurar aquilo que é posto diante dos olhos, para assim explicitar o que eventualmente pode estar implícito nas manifestações visuais.

Uma vez que se tenha estabelecido um *modus operandi* para a decodificação das imagens constantes na publicação posta em estudo, cumpre seguir-se às análises propriamente ditas, para em posterior momento confrontar os resultados de forma que seja aferida seu potencial problematizador, gerador de criticidade e reflexão, características próprias da educação omnilateral, integral ou politécnica, termos considerados para fins deste estudo como indistintos, mas sem que se desconsidere as peculiaridades defendidas por autores de relevo no âmbito da educação profissional e tecnológica. Antes, contudo, convém abordar a conceituação da categoria referida. De acordo com Ramos (2014 p.16) a educação politécnica é a categoria

[...] pela qual se buscava romper com a dicotomia entre educação básica e técnica, resgatando o princípio da formação humana em sua totalidade. Em termos epistemológicos e pedagógicos, esse ideário defendia um ensino que integrasse ciência e cultura, humanismo e tecnologia, visando ao desenvolvimento de todas as potencialidades humanas. (Ramos, 2014 p.16).

Nesse sentido, a autora aponta para os fins da educação politécnica, que seria desenvolver o homem na sua potencialidade, desenvolvendo todas as suas características humanas de forma integral.

Figura 2 - Espetáculo Tanztheater Wuppertal.



Fonte: Livro didático Diálogo, p. 20

4. Discussão

A primeira imagem posta em análise (Figura 2) é uma fotografia de um espetáculo de dança performado pelo grupo Tanztheater Wuppertal que se encontra na página 20 do livro. É oportuno que se inicie por uma fotografia devido ao seu caráter essencialmente denotativo, que, ao contrário da função conotativa, oferece uma gama menor de significantes advinda da sua técnica própria de capturar um momento singular.

No caso dessa categoria de imagem, é o olhar do fotógrafo que confere significado à fotografia, atribuindo-lhe uma função conotativa que carrega a visão de mundo e a

sensibilidade de quem realizou o registro. Na imagem em questão, percebe-se, sob o prisma do Sistema de Leitura Visual da Forma, diversos dançarinos, várias unidades que se segregam em um movimento quase síncrono, com uma sensação de desequilíbrio que provoca uma inquietação aos olhos do espectador. Seus braços e pernas em posições opostas indicam movimento, ritmo, dinamismo.

Essa configuração visual forma um signo semiótico. Ressalte-se que o signo semiótico aqui referido, diferente daquele do zodíaco, remete a uma unidade de significação que representa algo. Trata-se da diversidade de coisas que eventualmente possam potencial para comunicar – uma dança, uma aquarela, uma formula matemática, um som, uma fotografia.

O significado aqui emerge da flexão do corpo dos bailarinos exigida pela coreografia. Nesse momento se configura o signo. Conforme explicita a legenda da imagem que consta na própria publicação, “O termo flexão deu origem à palavra reflexão. O pensamento reflexivo indica um movimento não físico, mas mental, de um pensamento que se dobra, ou seja, se volta para si mesmo” (Melani, 2016, p. 20). Constata-se claramente na imagem analisada o caráter didático que ela manifesta. O que se pretende através dela é estabelecer um paralelo entre o signo depreendido – a reflexão – e a filosofia, conduzindo o observador a uma percepção que vai além do que o senso comum pode oferecer.

A imagem (Figura 3) exposta ao lado é a obra de René Magritte chamada “A traição das imagens ou Isso não é um cachimbo.” Chama a atenção na obra o aparente contrassenso entre imagem e texto, uma vez que claramente o artista realizou uma pintura de um cachimbo e o texto, em Francês, diz: “Isso não é um cachimbo.” O que o pintor pretende ao criar um conflito entre imagem e texto é expressar sua dúvida sobre a capacidade da arte de representar a realidade. A obra se presta também a uma discussão sobre a legitimidade da arte. O aparente contrassenso se desfaz quando consideramos que a imagem não é um cachimbo, mas uma representação, um signo dele.

Figura 3 - Quadro de atividade com a obra A traição das imagens ou Isso não é um cachimbo (1929), de René Magritte.

► Para pensar

Observe a pintura a seguir. Abaixo da representação pictórica de um cachimbo, lê-se a frase: “Isso não é um cachimbo”.

Em sua opinião, o que o artista quis dizer com esta obra?



A traição das imagens ou Isso não é um cachimbo (1929), pintura de René Magritte.

Fonte: Livro didático Diálogo, p. 73

Para Magrite, a arte deve ser entendida não como a realidade, mas como uma representação desta. Dentro do livro, a imagem em questão se encontra na página 73, do capítulo 3, cujo título é “O que é realidade? A descoberta do mundo suprassensível”. Sua função didático-reflexiva se explicita já que a obra está inserida em um quadro destacado na página, onde se observa um convite à reflexão no título: “Para pensar”. Segue-se, no interior do quadro a pergunta: “Na sua opinião, o que o artista quis dizer com esta obra?” Se estabelece nesse momento o espaço propício seja para atividades em grupo, no qual cada aluno pode indicar suas percepções acerca de sua experiência visual, bem como para atividades individuais, que levem o discente a dissertar sobre o tema, refletindo sobre ele, pesquisando, fazendo associações etc. Mais do que um simples complemento do texto, cuja função seria enriquecer as palavras, ilustrando-as, o recurso visual em destaque se configura, nesse caso, como o elemento reflexivo central, sem o qual a atividade pedagógica não se realizaria.

Figura 4 - O pensador moderno de Andrew



Fonte: Livro didático Diálogo, p. 27

Na sequência este artigo se voltará para a análise de um outro recurso visual didático que auxilia significativamente na relação ensino-aprendizagem, unindo arte e humor: a charge. Vista como uma forma de comunicação leve e bem-humorada, a charge é largamente utilizada nos mais diversos materiais didáticos, inclusive nas avaliações mais diversas. A versatilidade e criatividade dos chargistas se voltam com muita frequência para questões sociais, políticas, econômicas, culturais etc. Exemplo disso é a charge que ilustra a página 27 do material didático estudado neste artigo, chamada “O pensador moderno”. Inserida em um bloco de atividades, pede-se também aqui um esforço analítico da imagem de forma que se determine o que sugere o título da obra e que disserte brevemente relacionando a imagem ao pensamento filosófico.

A primeira associação que se faz ao contemplar a gravura está relacionada à obra do célebre escultor francês Auguste Rodin chamada “O pensador” (1904). O paralelo se dá pela posição que o personagem se encontra na charge, similar ao personagem da escultura. Mas se na obra mais famosa a figura humana se mostra o foco principal, na outra, que ilustra o livro

analisado, o homem divide espaço com um amontoado de coisas, elementos próprios da vida moderna tais como um automóvel, uma motocicleta, um avião, um computador, um telefone celular etc.

Mais do que dividindo o espaço, o pensador está sentado sobre essa pilha de coisas. Ao considerarmos as categorias conceituais fundamentais da *Gestalt*,³ podemos perceber, no desenho o princípio da complexidade que diz respeito à uma complicação visual composta por várias unidades formais na composição da imagem, configurando um todo que compromete a rápida leitura visual, exigindo um tempo maior de observação.

A complexidade proposta por esse emaranhado de coisas representa a vida moderna, pautada pela profusão de atividades, representadas por cada elemento do amontoado, sobre as quais se constroem as vidas humanas, resultando em um existir caótico que carece de sentido. O homem que se posta sobre tudo isso assume uma postura reflexiva, cujo signo se manifesta através de sua postura: está sentado, com o cotovelo apoiado na perna e com o punho apoiando o queixo. A expressão grave, própria do pensador, concorre para a associação com o ato reflexivo. Esse é o percurso que a publicação sugere seguir: a postura reflexiva que se faz necessária no mundo moderno. Evidencia-se aí, mais uma vez, a função pedagógica central da imagem.

A fim de que se analise uma amostragem suficientemente abrangente, que contemple as principais categorias visuais presentes na obra estudada, se faz necessário incluir mais uma manifestação visual: a história em quadrinhos. Conceituada como a arte de contar histórias por meio de desenhos e textos dispostos em sequência, os quadrinhos possuem diversos formatos, o que facilita sua seleção para finalidades didáticas.

Figura 5 - O pensador de Rodin



Fonte: Google Imagens.

³ As categorias fundamentais da Teoria da Percepção da Forma são: clareza, simplicidade, complexidade, minicidade, profusão, coerência, incoerência, exageração, arredondamento, transparência física, transparência sensorial, opacidade, redundância, ambiguidade, espontaneidade, aleatoriedade, fragmentação, sutileza, difusidade, distorção, profundidade, superficialidade, sequencialidade, sobreposição, correção óptica e ruído visual (GOMES FILHO, 2000).

Fonte: Livro didático Diálogo, p. 124

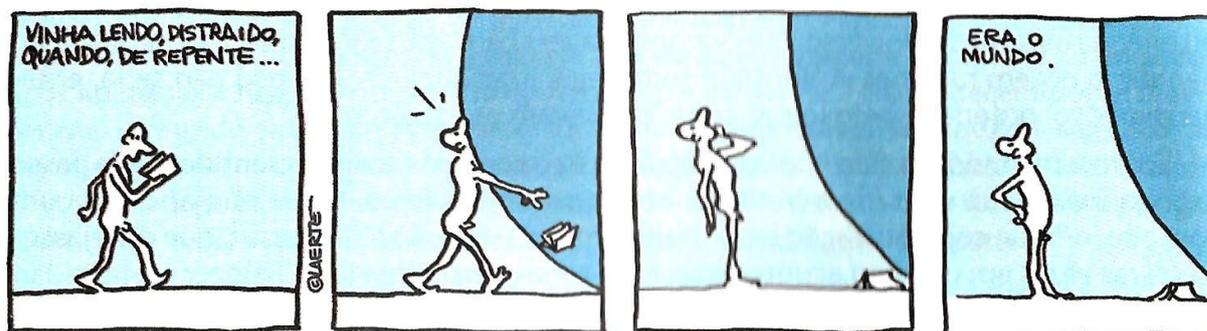


Figura 6. Tirinha da cartunista Laerte

A imagem utilizada para fins de análise deste estudo, uma obra da cartunista Laerte intitulada “Era o mundo”, está inserida no capítulo 5 do livro, página 124. Característica própria dos quadrinhos e também um pressuposto da *Gestalt*, a sequencialidade se configura como elemento central do exemplo. Essa técnica, que consiste na ordenação de elementos visuais – no caso aqui em análise os quadrinhos – de forma contínua e coerente, apontam um caminho a ser percorrido. Na história um homem caminha enquanto lê um livro. O texto nos indica que a leitura representa a satisfação dos desejos, uma atividade prazerosa. De repente essa trajetória é interrompida quando o indivíduo esbarra inadvertidamente em algo. Segue-se o quadro em que o homem se posta diante do objeto, analisando-o. A seguir, põe as mãos na cintura, como se fizesse uma constatação. “Era o Mundo”, complementa o texto.

O capítulo 5 do livro, cujo o título é “O que é Felicidade? – A busca da paz interior”, no qual está inserida a tirinha, estabelece o contexto e a finalidade da pequena história, qual seja, refletir sobre a busca do prazer e o mundo real. O signo semiótico que surge da história é a barreira da realidade, representada pelo mundo, que impede a plena fruição do prazer por parte do homem. A tirinha está relacionada, na mesma página, à questão da “Felicidade e satisfação dos instintos”, título da sessão “Outras perspectivas”. Aí aborda-se a teoria psicanalítica de Sigmund Freud, mais especificamente a parte que trata da satisfação dos instintos e realização do princípio do prazer, ao afirmar que o ser humano seria feliz se satisfizesse plenamente seus instintos (Freud, 1997, p. 24-25). Isso, porém, não é possível porque o desejo básico e natural do ser humano é confrontado com a realidade, que sempre o ameaça com o sofrimento. (Melani, 2016, p. 124).

Observa-se, portanto, que a imagem desempenha um papel coadjuvante, complementando e ilustrando o texto, disposta, inclusive, no final da página. A legenda que acompanha a tirinha faz a ligação entre o texto e a imagem. Assim, resta evidente a função didática da história em quadrinhos estudada, que apesar de sua função secundária na

apreensão do conteúdo, reforça os conceitos dos textos, fornecendo uma importante referência visual para sua sedimentação.

5. Resultados

O livro analisado neste artigo possui ao todo 400 páginas. É interessante observar que na grande maioria das páginas onde o conteúdo didático é apresentado constam imagens – sejam fotografias, reproduções de obras de arte, histórias em quadrinhos ou charges – fato que por si só aponta para a essencialidade das imagens no processo de ensino-aprendizagem. É interessante observar também que o simples fato de estarem inseridas em uma publicação didática também indica a função educacional das imagens. Uma obra de arte pode ter uma função simbólica pendurado na parede de uma galeria, mas pode assumir outra finalidade se for utilizado nas páginas de um livro. Mudando o contexto, o fruidor da manifestação visual assumirá outra postura diante da obra. Assim, o que se insinua neste artigo é que a inserção da obra no livro didático potencializa sua característica de promover a reflexão.

Outro fato que chama a atenção é que, entre as imagens, predominam as reproduções de obras de arte, fotografias, cartuns e quadrinhos. Não são vistos ou quase não são vistos gráficos, infográficos, esquemas, fluxogramas etc. Essa característica decorre fundamentalmente da natureza mais reflexiva da disciplina de Filosofia que, em oposição às matérias de caráter mais técnico como matemática, física, química, biologia etc., praticamente prescinde de imagens com características mais explicativas como as referidas anteriormente e prioriza em suas ilustrações imagens que desencadeiem um pensamento mais abstrato e menos esquemático. Talvez fosse o caso, a título de sugestão, da utilização de infográficos e esquemas que permitissem contextualizar ao longo do tempo as diversas correntes de pensamento, relacionando-as uma com as outras. Mas essa é uma decisão editorial que desvia do objetivo deste artigo.

As análises de algumas das principais categorias visuais no livro didático de Filosofia adotado nos cursos integrados do IFCE permitem identificar que os efeitos da comunicação visual – mais especificamente das imagens – no público discente podem alcançar desde a simples absorção de mensagens até níveis interpretativos mais profundos, marcados pela reflexão crítica. A imagem exerce uma força atrativa para o olhar e uma vez que conste em uma página, desempenhará uma função. Cumpre observar que essa função inicialmente se dá por questões estéticas e funcionais – questões de diagramação, de projeto gráfico – já que a imagem também contribui para a harmonia do design do livro, variando de tamanho, forma e posição para se integrar visualmente ao conteúdo textual, formando um todo harmônico.

Assim, oportunamente, os elementos visuais se integram explicitamente ao conteúdo textual, seja para ilustrar uma ideia, auxiliar o esclarecimento de um conceito, aprofundar um conteúdo ou para que se reflita sobre o seu significado. Da mesma forma que no projeto gráfico a diagramação articula imagens e textos de forma a se atingir um equilíbrio visual, no processo pedagógico os mesmos elementos se articulam para promover a reflexão e a consequente apreensão dos conteúdos ministrados nas diversas atividades de ensino-aprendizagem. Pode-se observar que no design gráfico do livro a forma segue a função e as imagens são dispostas na extensão da publicação consoante suas necessidades, quais sejam, ilustrar e complementar os textos, servir como objeto de análise reflexiva etc.

A imagem e seu potencial comunicativo enriquecem o material didático, tornando mais atrativo o mundo do conhecimento e promovendo a reflexão. Aproxima o discente do reino da liberdade marxiano, já que se configura como um importante elemento que concorrerá para uma formação integral transformadora, que rompe com caráter estritamente tecnicista característico da educação destinada à classe trabalhadora, em contraponto à formação da classe dominante que tem no exercício intelectual característica marcante. Ramos (2014 p. 94) defende que

o conceito de formação humana integral sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Assim, o conceito de integração, usado para definir uma forma de oferta da educação profissional articulada com o ensino médio, qual seja, o de natureza filosófica expressa uma concepção de formação humana, com base na integração de todas as dimensões da vida no processo educativo, visando à formação omnilateral dos sujeitos. (Ramos, 2014 p. 94).

Oportuno então, nestas considerações, ressaltar que a disciplina de Filosofia fornece o repertório problematizador necessário para que o discente do curso técnico integrado ao ensino médio possa romper com a dicotomia que historicamente se presta à manutenção do *status quo*, sendo o livro didático “Diálogo: primeiros estudos em Filosofia” uma importante ferramenta que, entre outros recursos, se vale da polissemia das imagens para atingir seus objetivos pedagógicos.

6. Considerações Finais

Com tudo o que foi posto cabe, portanto, deixar a reflexão: como seria a publicação despida desse conteúdo visual? Apenas o texto é capaz de transmitir conteúdos e provocar a

criticidade, sobretudo em um livro de Filosofia? Ou, de forma oposta, seria possível a trajetória intelectual orientada apenas por imagens? Presume-se que não.

Essa reflexão, contudo, faz-se necessária para que se possa estabelecer em que medida as imagens atuam no processo pedagógico, bem como que tipo de imagens podem ser utilizadas no livro didático. Isso remete à necessidade que têm professores, coordenadores pedagógicos, editores, designers gráficos, ilustradores, artistas e todos aqueles envolvidos na produção e utilização do material didático de possuir um repertório visual tão representativo quanto o conteúdo escrito, de sorte que o conteúdo imagético esteja em consonância com os textos, complementando-os, explicando-os, enriquecendo-os ou mesmo provocando um movimento inverso, no qual as atividades escolares são desenvolvidas a partir de sua interpretação.

Este estudo também pode apontar na direção de futuras investigações acerca de outros aspectos gráficos das publicações didáticas que possam favorecer a apreensão dos conteúdos pelos discentes, tais como a diagramação e seus diversos aspectos funcionais, o uso das cores, o projeto gráfico, a arquitetura da informação etc. Outra possível linha de pesquisa futura que este artigo pode ensejar diz respeito ao uso de imagens nos livros didáticos, porém mais especificamente nas publicações elaboradas para a educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental, de forma que se avalie e reflita sobre a centralidade que as manifestações visuais assumem nesses níveis de ensino. Com tudo posto, conclui-se que fazer uso de todo o potencial educacional que a comunicação visual proporciona torna o mundo do conhecimento mais pleno de linhas, formas, cores e volumes. E o mundo real mais próximo de ser desvelado.

7. Referências

Araujo, R. M. L. & Rodrigues, D. S. (2011). Referências sobre práticas formativas em educação profissional: o velho travestido de novo frente ao efetivamente novo. In: Ronaldo M. L. A.; D. S. R. (Org.). *Filosofia da práxis e didática da educação profissional*. Campinas-SP: Autores Associados, v. 1, p. 07-45.

Associação dos Designers Gráficos ADG-BRASIL. ABC DA ADG. (2002). *Glossário de termos e verbetes utilizados em Design Gráfico*. São Paulo, ADG,

Borges, L. F. P. Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács. *Revista*

Educação em Questão. V.55(45), p.101-126. Doi: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2017v55n45ID12747>.

Ciavatta, M. O ensino integrado, a politecnicidade e a educação omnilateral. Por que lutamos?. (2014). *Trabalho & Educação*. Belo Horizonte, 23 (1), p. 187-205. Acessado em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>.

Freud, S. *O mal-estar na civilização*. (1997). Rio de Janeiro: Imago.

Gomes, J. F. (2000) *Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo: Escrituras Editora.

Lajolo, M. (1996). Livro didático: um (quase) manual de usuário. *Em aberto*. 16 (69). Doi: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.16i69.2061>.

Maurício, S. S. & Martins, R. E. M. W. (2020). Educação geográfica e imagens em livros didáticos para a educação de jovens e adultos. *Cadernos da Fucamp*, 19 (37), p.60-79. Acessado em <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/2056/1287>.

Melani, R. *Diálogo: primeiros estudos em Filosofia*.(2016). São Paulo: Moderna.

Monteiro, A. O. & Jucá, S. C. S. & Silva, S. A. (2019). O livro didático e a sua influência na formação dos discentes da educação básica de escolas públicas. *Research, Society and Development*, 8, 488-498.

Moura, D. H. (2013). Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?. *Educação Pesquisa*, 39 (3), p. 705-720. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022013000300010>.

Munari, B. (1997). *Design e Comunicação Visual: Contribuição para uma metodologia didática*. São Paulo: Martins Fontes.

Peirce, C. S. (1958). *Collected papers*. Cambridge: Harvard University Press.

Santana, L. N. & Rodrigues B. T. J. & Junior, J.E.S.S. (2017). Design Gráfico e Livros Didáticos: Percepção de alunos do ensino fundamental acerca de sua importância e deficiências. In: *11º Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional Aracaju/Sergipe/Brasil*.

Santaella, L. (2002). *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thonson.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Christiano Barbosa Porto Lima – 70%

Paula Trajano de Araújo Alves – 10%

Sandro César Silveira Jucá – 5%

Solonildo Almeida da Silva – 15%